

19 JUL 2001

POR DENISE  
ROTHENBURG

BRÁSÍLIA-DF

## E a roda da fortuna gira outra vez no Senado

Primeiro, foi o senador Luiz Estevão (PMDB-DF). Enrolado em denúncias de desvio de dinheiro no caso do Tribunal Regional do Trabalho (TRT) de São Paulo, inaugurou a série de suplentes a assumir o mandato por renúncia ou cassação do titular. Depois dele, a porteira se abriu. Saíram o ex-presidente da Casa Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) e o senador Jose Roberto Arruda (sem partido-DF). Os dois não saíram por roubo. Mas por violação de sigilo do painel de votações do Senado. Foram levados à renúncia por desrespeito ao direito sagrado do voto secreto exercido por seus colegas e negarem envolvimento no caso.

Agora, chegou a vez do presidente do Senado, Jader Barbalho (PMDB-PA). Quando Luiz Estevão estava à beira do abismo, Jader, então líder do PMDB, tentou defendê-lo da mesma maneira que os peemedebistas agem hoje: sem conceder-lhe um atestado de honestidade, mas alertando contra julgamentos precipitados. Ficava na linha fina que o cargo de líder lhe obrigava. Em conversas reservadas, o próprio Jader se referia a Luiz Estevão com o seguinte comentário: "A roda da fortuna girou. E quando gira, alguém pula fora", dizia ele a amigos e senadores, dando os ombros.

A roda da fortuna está girando de novo. Jader agarra-se a ela como um leão, tentando resistir à avalanche de denúncias que ameaçam seu mandato de senador e o cargo de presidente do Senado — um guarda-chuva no qual tenta se abrigar para demonstrar que não há nada grave e que tudo não passa de "perseguição política". Teme que a licença soe como confissão de culpa perante a opinião pública, coisa que, infelizmente, ele não consegue mais controlar.

A reportagem da revista Veja com os detalhes do processo e os fac-símiles de documentos em que Jader aparece como beneficiário dos cheques foi mortal do ponto de vista político. Por mais que Jader se esforce, os partidos hoje pedem sua cabeça. E, como disse o próprio presidente Fernando Henrique Cardoso, em recente entrevista, o brasileiro está mais exigente com seus políticos.

Jader, por mais que tente, não conseguirá quebrar a roda da fortuna. Ela vai continuar girando, levantando uns, derrubando outros. E a sociedade está atenta. Exige de seus políticos passado, presente e futuro. Quem tem algo a esconder, nem que seja lá atrás, no começo da carreira política, pode pôr as barbas de molho. Os 17 anos que separaram o tempo presente dos desvios do Banpará são provas dessa mudança de comportamento que levou alguns políticos a se referirem a Jader como o "quase ex-presidente" do Senado.

Esta coluna circula de quarta a sábado